

ATUAL

Nº 2134 | **Expresso**

21 SETEMBRO 2013

LAURA VEIRS  
ERIC BANA  
ANTONY BEEVOR  
JAMES THIÉRRÉE

# VALTER HUGO MÃE

FASCINADO PELA ISLÂNDIA, O ESCRITOR FEZ DO SEU NOVO ROMANCE UMA DECLARAÇÃO DE AMOR À ILHA DOS FIORES E DOS VULCÕES **P6**



Durante dois anos e meio, o escritor Valter Hugo Mãe viajou regularmente para a Islândia, uma ilha que parece ao mesmo tempo o princípio e o fim do mundo. Da paisagem rasgada por fiordes trouxe uma estranha "declaração de amor". É o seu novo romance, "A Desumanização", de que nos fala nestas páginas, ainda atordoado por uma experiência de escrita "única"

# VALTER NA ILHA-CRIANÇA





Texto José Mario Silva | Fotografias José Ventura

**Começemos** por uma imagem. Crianças caminham pelos campos islandeses, arrastando sacos onde recolhem penas de pato, apanhadas junto aos ninhos. É um ritual que assinala o fim do verão, já apontando para os rigores da longa noite ártica — as penas destinam-se a encher os edredões que protegem do impossível frio do inverno. “Tenho esta imagem na cabeça, porque a achei de uma beleza incrível”, diz Válder Hugo Mãe. Aconteceu durante a primeira viagem do escritor à Islândia, em 2011, pouco depois do embate inicial com a paisagem da ilha. “Começas por ficar mudo de espanto, embasbacado. Eu, pelo menos, fiquei. Só ao fim de dez dias de lá estar é que consegui começar a escrever.” Quando finalmente se sentou a uma mesa, ignorando a custo o apelo do que havia fora de casa, fixou-se na imagem dos rapazes e das raparigas apanhando penas de pato, campos fora, e escreveu o que esperava vir a ser a primeira frase do seu



novo romance: “Com aquele gesto, a criança inaugurava o outono.”

Na verdade, foi só uma falsa partida. Das 32 páginas escritas naquela viagem, não aproveitou nada. “Acabei por as perder todinhas quando formatei o computador portátil para o dar à minha irmã.” Seguiram-se outras tentativas de transformar em palavras a experiência de estar num lugar que tão depressa se assemelha ao princípio de todas as coisas como ao fim do mundo. “Voltei à carga e escrevi 82 páginas. Deitei-as fora. Depois voltei ao início: mais 56 páginas. Deitei-as fora. Ainda não era aquilo. Este foi sem dúvida o livro que comecei mais vezes.” O que falhava, admite Valter, era a linguagem. “Tudo me saía demasiado pragmático, e a Islândia era outra coisa.” Desde então, voltou à ilha quatro vezes e continuou a escrever muito, a rasgar muito. Não só lá, mas também em Vila do Conde (onde vive), no Brasil e “em todos os lados” a que a vida de *globetrotter* literário o conduz. O resultado final é o seu sexto romance, “A Desumanização” (Porto Editora), desde ontem nas livrarias, uma obra que o autor classifica como uma “declaração de amor esquisita” aos fiordes do oeste islandês.

A história deste livro necessita de um *flashback*, de um salto para trás no tempo, até às origens do fascínio de Valter pela Islândia. Voltamos então aos anos 80. Muito antes de haver internet, o adolescente das Caxinas esperava pelos fanzines para saber novidades do mundo musical. É então que ouve falar de Hilmar Örn Hilmarsson, baterista dos Theyr, “o tipo a quem eu dedico este livro”, hoje um sacerdote odinista (a antiga religião dos viquingues). Músico “seminal”, Hilmar esteve na origem do movimento de “onde brotou tudo na Islândia”, de Björk aos Sigur Rós. “Também fazia parte de uma banda nova-iorquina, os Psychic TV, e eu ficava preso às coisas que ele dizia. O meu desejo de ir à Islândia nasce por causa deste homem. Quando ouvia falar dos rituais, de beber sangue por um chifre e coisas dessas, a minha veia gótica e depressiva rejubilava.”

O desejo era intenso, mas esbarrou sempre na falta de dinheiro. “como tantas outras coisas na minha vida”. Só em 2017, pouco antes do lançamento do romance “O Filho de Mil Homens”, é que surgiu a oportunidade de cumprir o sonho. “Decidi: agora vou. E gastei um balúrdio. Fiquei teso.” Teso mas feliz. “Acho que a Islândia foi o único lugar a conseguir superar as expectativas altas que levava à partida. Normalmente, desiludo-me. Por exemplo, julguei que Tóquio seria uma coisa cibernética absolutamente maravilhosa e depois achei aquilo uma espécie de Baixa da Banheira com néones.”

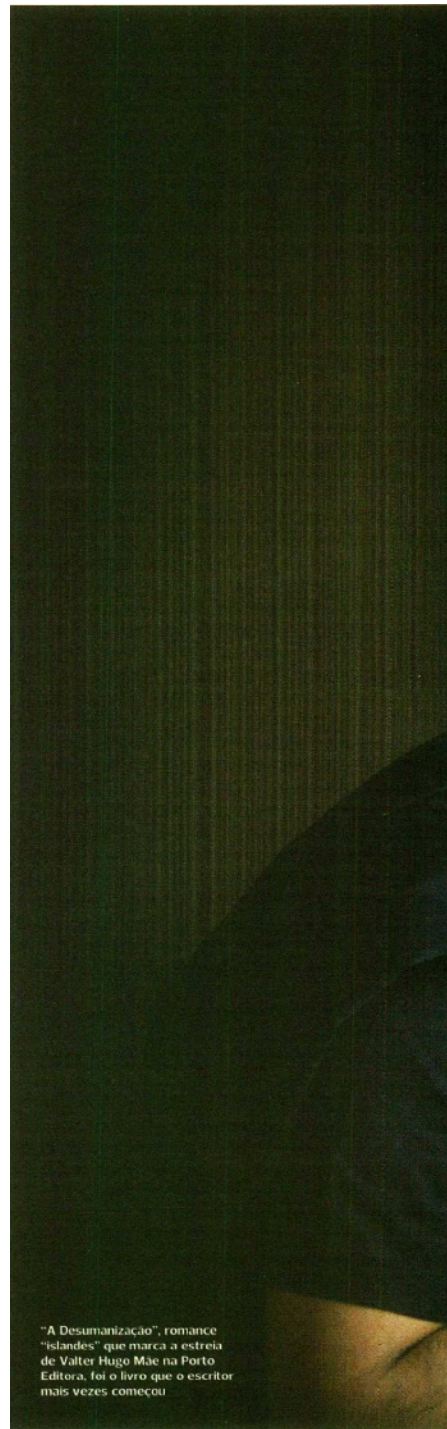
Não é fácil que uma geografia surpreenda Valter. Aconteceu com os Açores. “Fiquei arrebatado. Cheguei lá a achar que ia encontrar um jardimzinho engraçado e levei na cara.” Na Islândia, a sova foi ainda maior. “Ninguém conhece o que aquilo é.” Um dos aspetos mais interessantes tem a ver com a juventude da ilha. “É uma ilha-menina, uma ilha-criança, infantil no cômputo do mundo, como digo no livro. Se a Europa tiver dois anos, a Islândia tem dois dias.” Daí a enorme atividade geológica, com vulcões que entram de repente em erupção e territó-

“É um romance em que a voz narradora, sendo de uma personagem participante, parece vir sempre da realidade à volta, como se ela estivesse apenas a ouvir a natureza ou a própria Islândia. Quis que a resposta à angústia viesse do que há de silente na natureza. Por isso, a linguagem tinha de ser toda ela muito feita de coisas de ver”

rio novo que emerge do mar. Há quedas de água de proporções bíblicas, vapores que saem da terra, imensos glaciares, montanhas esmagadoras. “Tens a sensação de ser observado por algo que não está. É como se as rochas, as nuvens, os lagos se avisassem uns aos outros: cuidado, anda por aqui um careca português.”

O principal problema de Valter, durante a escrita do romance, prendeu-se com a dificuldade de captar esta paisagem, fechá-la dentro das palavras, transformá-la numa personagem ativa, tão ou mais importante do que as figuras humanas que a habitam. “O livro questiona muito a possibilidade de se conseguir captar o real com a linguagem. E eu desejei que o livro fosse efetivamente uma viagem à Islândia, oferecida a cada leitor.” Certa vez, em Bildudalur, o escritor abriu uma janela e o quarto ficou imediatamente gelado. “Recurdo ter-me ocorrido o desejo, ao sentir o vento cortante, de que ele pousasse assim mesmo na página aberta no computador. A grande questão era essa: como pousar aquilo — o frio, a Islândia — no meu texto?” Além da tentativa e erro, do deitar fora e recomeçar, Valter não se poupou ao contacto direto com a natureza. Mesmo no inverno, quando ninguém sai de casa sem ser por motivos de força maior, às vezes durante semanas, o escritor calçava umas botifarras, vestia tudo o que tinha e saía para a escuridão, andando lá por fora até ficar completamente enregelado e com a pele ressequida. Levar a experiência física ao extremo provocava então, aos poucos, uma intensificação da escrita: “Só fazia sentido escrever se tentasse levar sempre as palavras ao limite do que é possível dizer.”

Entende-se assim melhor a razão do fôlego poético que atravessa o romance. O atordoamento provocado pela paisagem induziu no escritor um atordoamento provocado pela linguagem. E o ficcionista deixou-se dominar, como nunca até aqui na sua obra em prosa, pela voz do poeta. “As imagens surgiam espontaneamente. Inebriavam-me. Aquilo que eu via dentro da cabeça, antes ainda das palavras, ou ao mesmo tempo que elas surgiam, aquilo que eu



“A Desumanização”, romance “islandês” que marca a estreia de Valter Hugo Mãe na Porto Editora, foi o livro que o escritor mais vezes começou



via era de uma tal beleza que eu comovia-me todo, atrapalhava-me. Então interrompia, deixava escapar as frases, ficava à toa. Forçava-me a puxar aquela narradora para baixo, para a terra, porque a cabeça dela ascendia às nuvens. Deixada à solta, estava sempre a entrar no domínio do delírio.”

Esta narradora, uma rapariga de 12 anos, perde a irmã e engravida de um anor meio selvagem com um rapaz mais velho, o ogre da aldeia perdida nos fiordes. Tudo na vida de Halldora é áspero e feio, exceto a relação com o pai, um poeta capaz de ver a “beleza que vem das agruras”. Em torno desta personagem central, Valter cria uma teia de relações propriamente romanesca, com enredo e factos e desfechos, mas o que sobressai da leitura é o ímpeto lírico de uma paisagem que se sobrepõe a tudo. “Quis muito dar espaço a essa força. Este é um romance em que a voz narradora, sendo de uma personagem participante, parece vir sempre da realidade à volta, como se ela estivesse apenas a ouvir a natureza ou a própria Islândia. Quis que a resposta à angústia viesse do que há de silente na natureza. Por isso, a linguagem tinha de ser toda ela muito feita de coisas de ver.”

Se a história tende a extremar tudo, quer a violência dos afetos, quer os tormentos que recaem sobre as personagens, isso deve-se ao facto de “ali a beleza ser toda feita na expectativa da destruição, da catástrofe iminente”. Há como que uma verdade inacessível naquela comunidade, uma verdade que não é para ser entendida pelos outros. E, se predomina um certo negrume existencial, este não é incompatível com momentos luminosos. “Em obras anteriores, as minhas personagens sempre foram capazes do bem e do mal. Aqui, essa ambivalência também existe, só que as duas forças coexistem. A maldade produz beleza; a bondade é capaz de errar.”

Depois de tantos impasses e recomeços, Valter sente-se satisfeito com o romance: “É tão islandês quanto pode ser um livro escrito por um português.” Ou seja, por alguém que não acredita em elfos, nos *trolls* ou num povo escondido que vive dentro das pedras, como acreditam 80 por cento dos islandeses. Trata-se, sobretudo, de um livro que pode ser uma charneira na obra de Valter Hugo Mãe. “Acredito que pode deixar marcas no que vou fazer daqui em diante. Pode deslocar-me. E isso, neste momento, era muito importante para mim.”

Para onde se deslocará agora a escrita do autor de “A Máquina de Fazer Espanhóis” é uma incógnita. “Pela primeira vez em muito tempo, não tenho uma ideia definida sobre o que quero fazer a seguir. Há várias ideias que estão guardadas e podem dar um livro, mas sinto que ainda não é o momento de lhes pegar. Podia escrever sobre o Brasil, que é uma fixação minha, mas fui tão bem recebido lá que ia parecer um livro de agradecimento e não quero isso. Pode ser que vá a Angola, a terra onde nasci e me maravilha. Pode ser que ganhe finalmente coragem para falar das Caxinas a sério. Não sei. A verdade é que esta pausa também me está a dar um certo gozo. Vou deixar que cresça a ansiedade até que uma ideia me surpreenda e tome conta de mim. Acho que já não sei fazer livros de outra forma.” A

## O TEATRO DE VALTER HUGO MÃE

“A Alemanha tem uma corrupção de bom senso.” As palavras são do filho, deficiente mental, de uma estranha família portuguesa, cujo pai sonha regressar à Alemanha. O texto inédito é de Valter Hugo Mãe, chama-se “Comida” e é o terceiro escrito para a companhia Teatro Bruto, do Porto, com encenação de Ana Luena. A afinidade é mútua. Valter Hugo Mãe vai mais longe: “Ja lhes disse que estou sexualmente interessado neles. É uma companhia que tem uma plasticidade com a qual me identifico, tem algo de um teatro extremo, de alguma coragem. Ao mesmo tempo participa nas questões da contemporaneidade, por isso acaba por prestar uma espécie de serviço público através da arte.” A primeira peça foi “Cratera, as Crianças com Segredos” (2010) e a segunda “O Canil” (2012). Agora viajamos até um Portugal de finais dos anos 30. Há um tio morto, ministro, e que para efeitos de jogos de poder vai apodrecendo como se estivesse vivo até ao jantar onde a sua influência é necessária. Tudo para que o embaixador, o chefe de família, possa regressar à Alemanha. Uma escrita inventiva, repleta de desconcertantes e risíveis imagens poéticas, “brutas” como o teatro que as encena, que dão cor a um tom negro que promete fazer o riso chegar às lágrimas. Qualquer comparação entre este enredo, em plena Alemanha nazi, e a crítica a uma atualidade que regressa a uma subversão àquele país não é mera coincidência, como diz Valter Hugo Mãe: “A comida é um símbolo da abundância e da escassez. Quando estamos a regressar a uma Europa da Alemanha, pareceu-me tentador pensar acerca da ingenuidade em que possamos estar a incorrer, de estarmos outra vez a vergarmo-nos perante a Alemanha...”

Claudia Galhós

### COMIDA

Valter Hugo Mãe  
Casa do Vinho Verde, Porto,  
de 25 de setembro a 13 de outubro